

Estratégias comportamentais para o desenvolvimento da linguagem em crianças Autistas

Behavioral strategies for language development in Autistic children

DOI:10.34117/bjdv9n1-032

Recebimento dos originais: 05/12/2022

Aceitação para publicação: 02/01/2023

Elida da Costa Monção

Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: elida.moncao@hotmail.com

Francisco Robert Bandeira Gomes da Silva

Mestre em Políticas Públicas e Doutorado em Sociologia

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: francisco.bandeira@estacio.br

Débora Tamires Gomes de Oliveira

Especialização em Psicopedagogia, Clínica e Institucional pela Faculdade Evangélica do Meio Norte

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: profdeboraooliveira@outlook.com

Débora Ferreira Moura

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Piauí

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: deborafermoura@gmail.com

Luciênia Libânia Pinheiro Martins

Doutora em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – Portugal

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: lucieniapinheiro@gmail.com

Maria Auxiliadora Pereira da Cruz

Mestre em Administração pela Universidade Federal da Paraíba

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: maria.pacruz@estacio.br

Rodrigo Almeida Damasceno

Especialista em Tanatologia pelo Centro Sul Brasileiro de Pesquisa Extensão e Pós-Graduação LTDA

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: damasceno.rodrigo@estacio.br

Ronielly Gleyson de Sousa Araújo

Especialista em Psicologia e Saúde Mental e Docência do Ensino Superior

Instituição: Faculdade Estácio Teresina

Endereço: Av. dos Expedicionários, 790, São João, Teresina - PI, CEP: 64046-700

E-mail: ronyaraujo15@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho consiste na busca da compreensão do autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio das características apresentadas nos indivíduos que recebem este diagnóstico. O objetivo deste artigo foi analisar com base no estudo da Análise Aplicada do Comportamento, os métodos pedagógicos desenvolvidos por professores da educação especial de Teresina, na tentativa de apresentar a importância das estratégias comportamentais para o desenvolvimento da linguagem no autista. Com esta finalidade, foi realizada uma entrevista semiestruturada com duas professoras da instituição CIES. Pode-se concluir que o uso das estratégias comportamentais contribuiu para o desenvolvimento da linguagem e das demais funções cognitivas dos alunos autistas. Este desenvolvimento é resultado da interação entre as capacidades potenciais dos alunos bem como da influência de seu ambiente educacional.

Palavras-chave: desenvolvimento, habilidades, linguagem, Autismo.

ABSTRAT

This work is the quest to understand autism or Autism Spectrum Disorder (ASD) , by means of the characteristics presented in individuals who receive this diagnosis. The objective of this study was to analyze based on the study of applied behavior analysis , teaching methods developed by teachers of special education of Teresina, in an attempt to present the importance of behavioral strategies for the development of language in autistic. For this purpose a semi-structured interview with two teachers of CIES institution was performed. It can be concluded that the use of behavioral strategies contributed to the development of language and other cognitive functions of autistic students . This development is the result of interaction between the potential skills of students as well as the influence of their educational environment.

Keywords: development, skills, language, Autism.

1 INTRODUÇÃO

Desde a primeira vez que se utilizou o termo autismo em 1911 ocorreram muitas mudanças no que diz respeito aos diagnósticos psiquiátricos, atual são utilizadas as seguintes nomenclaturas diagnósticas: Transtorno Global do Desenvolvimento, citado no

Compêndio de Psiquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica, 9ª Ed., de SADOCK, SADOCK (2007), Transtorno evasivo do desenvolvimento (CID -10) e “Transtorno do Espectro do Autismo” (TEA), de acordo com o DSM-5. Todos estes manuais citam que o autismo é um transtorno global ou evasivo do desenvolvimento caracterizado pela perturbação de três domínios: interação social, comunicação e comportamento.

O autismo tem despertado o interesse, de diferentes profissionais de saúde, educação, social, que buscam compreender os sintomas deste transtorno e desenvolver metodologia de trabalho com indivíduos acometidos pela doença mental. Este trabalho visa compreender o autismo clássico e suas potencialidades, e por meio destas características, definir quais as habilidades comportamentais (comportamento verbal e não-verbal) que o professor da educação especial desenvolve em sala de aula com seus alunos autistas.

Com base na Análise Aplicada do Comportamento, buscou compreender as técnicas empregadas pelas professoras da instituição pesquisada CIES (Centro Integrado de Educação Especial) na cidade de Teresina, utilizando para isso a entrevista semi-diretiva ou semiestruturada que trabalham nove anos com indivíduos autistas, e observou-se as estratégias comportamentais aplicadas por estes profissionais da Educação. Das estratégias comportamentais, a mais citada foi o reforço por meio da comunicação verbal, estimulando a criança a falar, a responder as atividades pedagógicas por meio da oralidade ou da escrita, possibilitando a aprendizagem social, promovendo a sua autonomia cognitiva; seguido do reforço não-verbal como um gesto de atenção e carinho dispensados ao alunos que conseguissem desenvolve-se conforme o estímulo da professora.

Desta forma, o estudo contribuiu para analisar os métodos pedagógicos que são estimulantes para o desenvolvimento da linguagem dos autistas, e avaliou que os esforços dos profissionais que trabalham com alunos com o diagnóstico de autismo tem sido positivo, à medida que estão capacitados para desenvolver simples técnicas comportamentais que tem como resposta o desenvolvimento não só da linguagem, mas comportamental, cognitivo, emocional, social, ou seja, o individuo é trabalhado por completo.

2 O AUTISMO E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL

2.1 CONCEITUAÇÃO DO AUTISMO

Eugene Bleuler ao estudar o desenvolvimento infantil, introduziu em 1911 o termo “autismo” para classificar as crianças que possuíam uma perda de contato com a realidade, acarretando uma impossibilidade ou uma grande dificuldade na comunicação (GÓMEZ & TERÁN, 2014). Porém, este tema somente começou a ser aprofundado em 1943, quando Leo Kanner publicou seu primeiro artigo sobre autismo após observação de 11 crianças com sintomas autistas por durante cinco anos, o que o conduziu a descrição minuciosa de características que diferenciava estas crianças de outras, com atraso no seu desenvolvimento cognitivo, tais como: transtornos esquizofrênicos, desequilíbrio emocional ou retardo mental.

As características apresentadas por estas crianças observadas por Kanner foram apresentadas em seu artigo: “Distúrbios autísticos do contato afetivo”, aonde destacou principalmente três características: isolamento autista extremo (o que dificultava o relacionamento normal com pessoas e situações); deficiência na comunicação e linguagem (desenvolvimento da linguagem atrasada ou desviante, com ecolalia ¹; repetições monótonas de ruídos ou expressões verbais, dentre outras); a insistência na invariância do ambiente (que se caracteriza pela inflexibilidade, a adesão rígida a rotinas e a insistência sobre a igualdade). (GÓMEZ & TERÁN, 2014).

Poucos meses após a publicação do artigo de Kanner, o doutor Hans Asperger estudava crianças que eram atendidas por ele no Departamento de Pedagogia Terapêutica da Clínica Pediátrica Universitária de Viena. Durante seus estudos observou que algumas crianças tinham sua linguagem e qualquer outra forma de comunicação limitada, que para Asperger era justificado pela limitação nas relações sociais.

Mesmo sem ter conhecimento do artigo de Kanner, Asperger observou em algumas crianças atendidas em seu consultório, estranhos padrões de expressão e de comunicação, como anomalias prosódicas e pragmáticas de linguagem (melodias peculiares ou falta dela, uso limitado dos instrumentos da comunicação). (GÓMEZ & TERÁN, 2014).

Na segunda metade dos anos sessenta e começo da década de setenta, as teorias cognitivas e modificação comportamental contribuíram com a evolução nas investigações

¹ Ecolalia é a repetição de sons que crianças autistas costumam fazer. A coisa boa da ecolalia é que é uma boa indicação do desenvolvimento da linguagem da criança.

sobre o autismo. Foram introduzidos novos métodos investigativos, empírico e controlado que diminuíram com as especulações e descrições de estudos de casos isolados de crianças com autismo. O foco dos estudos comportamentalistas ou behavioristas foi a causa do autismo. Segundo os behavioristas a causa do autismo seriam os comportamentos alterados, a má estruturação do ambiente e o pouco estímulo oferecido no ato da aprendizagem, com pouco uso de recompensas e punições inadequadas.

O estudo sobre o autismo continuou, agora de maneira mais intensa. No CID – 10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento—edição de número 10), o manual mais recente e de bastante difusão entre os profissionais da área da saúde, o autismo se apresenta como: “Transtorno evasivo do desenvolvimento, definido pela presença de desenvolvimento anormal e/ou comprometido que se manifesta antes da idade de três anos”. (CAETANO, 1993). Embora a maioria dos sintomas do autismo comece por volta dos seis meses de idade, quando a criança não atende ao “chamado” da mãe, ou quando não oferece nenhuma outra forma que demonstre interesse na comunicação, como solicitar o braço da mãe, apenas se observa os primeiros sintomas do autismo por volta dos dois anos, quando a criança apresenta atraso na linguagem, o que provocam a ida dos pais a consultórios especializados para ter o diagnóstico do problema dos filhos e a busca de tratamento.

O diagnóstico dos casos suspeitos de autismo ou “Transtorno do Espectro do Autismo” (TEA), de acordo com o DSM-5 (American Psychiatric Association [APA], 2013) pode ser realizado com base na observação comportamental dos sintomas, que são: desordem da organização do eu e da relação da criança com o mundo circundante, restrição no campo de utilização dos objetos; afetivas e de atividade insuficientes ou parcialmente exageradas, demasiadas focadas ou esparsas, produzindo condutas rígidas ou inconsistentes; vida imaginativa pobre ou de tipo mágico-alucinatório; atitude demasiado abstrata ou demasiado concreta, restrita, limitando a mobilidade do campo do pensamento e da ação e relação inadequada com as pessoas. (ALVES, SOUSA e NEVES, 2015).

Quanto à comunicação de pessoas com transtorno autista, pode-se perceber que os autistas que conseguem falar, apresentam dificuldade na conversação, pois mantém uma linguagem repetitiva (ecolalia), uma velocidade, entonação e um timbre da voz anormal. A compreensão da linguagem de pessoas com esse transtorno é atrasada, fazendo o mesmo não entender e compreender a pergunta ou instrução dada por outros (DORNELLES, 2002 apud ALMEIDA, 2015)

Essa explosão do interesse científico tem contribuído para o aprimoramento das técnicas de detecção e diagnóstico, permitindo uma identificação da condição cada vez mais precisa e mais cedo no desenvolvimento infantil. Porém, os manuais como o CID 10 e o DSM têm o objetivo de apenas sistematizar os repertórios comportamentais que se repetem na maioria dos casos de autistas, mas cada caso de autismo deve ser aprofundado em termos de conhecimento da realidade do indivíduo a ser trabalhado. Por tanto, enfatiza-se a importância do professor no estímulo para o desenvolvimento do aprendiz dos autistas.

Para Goulart e Assis (2002) as abordagens de tratamento baseadas exclusivamente na topografia dos comportamentos-problema podem trazer alguns prejuízos, uma vez que tendem a ignorar fatores motivacionais por trás de sua ocorrência. Para um analítico-comportamental, o comportamento, inadequado ou não, será melhor compreendido se forem levadas em consideração as consequências que produz, ou seja, quando são analisados em termos de sua funcionalidade. Tema que será abordado logo a seguir.

2.2 AS ALTERAÇÕES NA LINGUAGEM EM CRIANÇAS AUTISTAS

A linguagem das crianças autistas é pouca expressiva se comparadas a crianças normais. Segundo Kanner (1943,1997) apud Gómez & Terán (2014) as crianças autistas usam a comunicação verbal para necessidade própria, tendo uma característica autossuficiência, sem interesse de manter contato com outra pessoa. Nesse sentido, pode-se concluir que o autismo se configuraria como um obstáculo ao desenvolvimento da linguagem por que estas crianças geralmente não mostram interesse pela resposta do outro, ou seja, não tem interesse em se comunicar.

Como apresentam problemas na linguagem também manterão um distanciamento no desejo de compreender o ambiente social ao qual está inserida. O que dificulta o seu aprendizado da escrita e da fala, o que pode passar a ideia que não é capaz de aprender, ou que tem retardo ou atraso mental, equivocadamente.

Alguns autistas tem uma inteligência média ou acima da média, mas geralmente eles apresentam algum grau de comprometimento cognitivo. Muitos indivíduos com autismo aprendem com um ritmo mais lento do que os de seus colegas, o que o direciona para um erro no diagnóstico apontando-o para retardo mental.

Segundo Gómez & Terán (2014) a inteligência é extremamente difícil de avaliar, devido às dificuldades de comunicação e de atenção. No entanto, diversos autores especialistas na área do desenvolvimento infantil apontam que as crianças com autismo

que recebem uma intervenção relevante de uma equipe interdisciplinar, acabam desenvolvendo as habilidades sociais necessárias para o desenvolvimento do contato com o outro.

As crianças autistas rejeitam os contatos físicos, gestos de afeição, palavras ou qualquer outra expressão de comunicação, mesmo que em brincadeiras, algumas não conseguem nem olhar no rosto de outras pessoas por “repudiar” as expressões faciais e então evitam direcionar para o rosto de quem fala com elas, apenas identifica o comunicador por outra característica em seu corpo, tais como: cabelo, pescoço, tórax, etc.

Muitos educadores estão se especializando em perceber a inteligência (e a linguagem) dentro de crianças não-verbais, uma vez que são podem encontrar modos alternativos de comunicação e de acesso ao desenvolvimento da criança autista. Para isso, as estratégias comportamentais desenvolvida pelos analistas do comportamento.

3 ESTRATÉGIAS COMPORTAMENTAIS DIRECIONADAS AO TRABALHO PEDAGÓGICO COM CRIANÇAS AUTISTAS

Devido o aluno apresentar dificuldades na linguagem e na comunicação, o seu aprendizado é geralmente lento e gradativo, o que caberá ao professor a adequação de sua metodologia de ensino para adaptar a forma de aprendizagem deste aluno “especial”.

Atualmente a pesquisa na Análise do Comportamento (AC), uma abordagem da psicologia, tem produzido conhecimento substancial acerca do autismo, o que possibilitado um avanço no tratamento destes indivíduos em todos os contextos, inclusive nas escolas inclusivas.

A primeira evolução da AC foi analisar o comportamento autista em seu meio ambiente (físico e social), procurando ensinar aquelas habilidades necessárias para o desenvolvimento social, emocional e físico, mas que estão ausentes ou apresentam-se prejudicadas no repertório autista. Dessa forma, a AC tem como objetivo a intervenção com indivíduos diagnosticados como autistas, buscando ampliar os repertórios sociais bem sucedidos e reduzir os inadequados.

Segundo Green (1996) apud Goulart e Assis (2002), a intervenção analítico-comportamental em casos de autismo enfoca o ensino sistemático de unidades reduzidas e mensuráveis de comportamento. De acordo com a autora:

Toda habilidade que a criança com autismo não demonstra – desde respostas relativamente simples, como olhar para os outros, até atos complexos como comunicação espontânea e interação social – é separada em passos menores. (...). respostas apropriadas

são seguidas por consequências cuja função como reforçadores efetivos foi observada (...).

Para os analistas do comportamento, intervir em um indivíduo diagnosticado autista, seria estimulá-lo por meio de reforçadores. Segundo Baum (1999) os eventos que acontecem no decorrer do aprendizado que aumentam a frequência por estarem presentes são chamados reforçadores, porque tendem a fortalecer o comportamento que os produz. Ou seja, quando estimulamos um autista por meio de um estímulo visual (por exemplo, o uso do alfabeto bem colorido) e ele responde ao estímulo (aprende algumas letras), e isso ocorre sempre com o mesmo estímulo, então podemos dizer que o estímulo visual utilizado é reforçador para o autista.

Para Goulart e Assis (2002) um objetivo de alta prioridade é tornar o aprendizado divertido para a criança. Desta forma, o ensino à criança autista será mais enriquecido quando estimulamos ela a discriminar entre vários estímulos diferentes: seu nome de outras palavras faladas; cores, formas, letras, números e afins entre si; comportamento apropriado de inapropriado.

Nas noções pedagógicas, observa-se que as necessidades de cada criança estimula o professor a desenvolver novas estratégias de intervenção que atenda cada caso. Rublescki (2004) apud Lago (2007) cita que as novas estratégias pedagógicas são estimuladas principalmente pela ausência da linguagem e pelo distanciamento cognitivo que o aluno autista tem com os colegas de classe.

Para Baum (1999) a fala tem suas consequências. Quando iniciamos um diálogo com alguém e este nos responde, ocorre que o diálogo é reforçado e as chances de desejarmos continuar a conversa é maior. O que muitas vezes não acontece com as crianças autistas, ao estimularmos auditivamente, elas podem não nos responder, o que acaba por muitas vezes o diálogo com os autistas ficar mais reduzido ou quase não mais existir.

O comportamento de estimular auditivamente o aluno autista não deve ser extinto pelo professor, mesmo que no início seja muito difícil interagir com o indivíduo com diagnóstico autista, mas é de extrema importância a continuidade deste estímulo, posto que mesmo sem resposta verbal, o autista está aprendendo com o comportamento verbal emitido pelo professor. Segundo Baum (1999) como muitos outros comportamentos operantes*, o comportamento verbal é modelado ao longo do tempo por aproximações sucessivas.

Silva e Costa (2010) colocam como estratégia pedagógica de ensino aos autistas, aulas audiovisuais, pois segundo as autoras as crianças autistas aprendem melhor vendo do que ouvindo, por isso é preciso explorar esse método ao máximo, principalmente quando muito pequenas. Outra dica das autoras seria utilizar materiais com diferentes texturas, estimular o olfato dos alunos aguçar os ouvidos por meio de músicas. A canção deve estar sempre de acordo com momentos específicos, tais como a chegada, hora do lanche, higiene, para que a criança possa relacionar a música com a atividade em andamento.

Em trabalhos realizados por Yamamoto e Mochizuki (1998) e por Sundberg et al (2000) apud Goulart e Assis (2002), foram estimuladas crianças autistas de maneiras diferentes, mas com o mesmo objetivo. No primeiro, utilizaram-se itens comestíveis, ao passo que no segundo, as crianças autistas podiam escolher um entre vários itens após respostas corretas. Cada vez que as crianças respondiam corretamente, recebiam como consequências elogios (ou seja, reforço social) acompanhados de um item reforçador, como um prêmio por ter conseguido a resposta correta.

Segundo Goulart e Assis (2002) outro cuidado metodológico e pedagógico que tem sido considerado indispensável para garantir o sucesso de qualquer tipo de intervenção comportamental é a realização de avaliação prévia de reforçadores potenciais. Os estímulos que podem ser considerados reforçadores (isto é, que aumentam a frequência dos comportamentos que os produzem) variam razoavelmente de uma pessoa para outra, sobretudo quando se trata de eventos sociais. Assim, as consequências como elogios, palmas, sons e animações computadorizadas, por exemplo, que se mostram efetivas em muitos casos, podem não funcionar como reforçadores em outros, especialmente em se tratando de indivíduos com repertório autista. Desta forma, o professor deve antes de aplicar um reforçador para aumentar as chances de uma criança autista interagir com ele ou mesmo com os colegas, é necessário analisar se está utilizando os reforços adequados para cada criança.

O professor deverá formular estratégias de ação, traçando planos para o desenvolvimento das aulas, podendo utilizar para isso de vários reforçadores, mas para isso, deverá ter o conhecimento das consequências que terão, de fato, sobre os comportamentos de um indivíduo. Assim, ao escolher modificar um comportamento ou instalar um novo repertório (exemplo do comportamento verbal, ampliação do uso da linguagem em autistas), a observação aguçada da criança antes de iniciar qualquer procedimento metodológico analítico-comportamental. Só então pode-se inserir

reforçadores e outras intervenções comportamentais visando à instalação de novas habilidades ou o fortalecimento de comportamentos preexistentes no seu repertório verbal.

O que será apresentado a seguir são casos em que o professor inclusivo utilizou reforçadores para aumentar o comportamento verbal, ou seja, o desenvolvimento da linguagem de crianças autistas. Este trabalho contou com a observação do trabalho dos professores, bem como o seu discurso sobre as estratégias comportamentais aplicadas com crianças autistas atendidas na instituição CIES (Centro Integrado de Educação Especial), na cidade de Teresina, estado do Piauí.

4 ESTUDO DE CASO: A EDUCAÇÃO ESTRATÉGICA REFORÇADORA

O Centro Integrado de Educação Especial - CIES, é uma instituição ligada à Secretaria Estadual de Educação do Piauí – SEDUC, através da Gerência de Educação Especial, que presta atendimento a crianças e adolescentes com deficiência intelectual associada ou não a outras deficiências, na faixa etária de 2 a 14 anos. Dispõe de uma equipe multiprofissional, que envolve professores, psicólogos, pedagogos, psicopedagogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicomotricistas, musicoterapeutas, odontólogos, terapeutas ocupacionais, médicos e nutricionistas, dentre outros profissionais.

O trabalho no CIES vem para dar suporte as crianças e adolescentes que estão matriculados em escolas regulares, facilitando assim a inclusão destes. Os alunos são atendidos pelos professores especializados em educação especial nos horários opostos às aulas nas escolas regulares, três vezes na semana durante 1 hora por dia, devido a demanda crescente da instituição.

Foi realizada uma visita institucional ao CIES com o objetivo de conhecer e compreender as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores da instituição para desenvolver o desenvolvimento dos alunos autistas, principalmente aqueles voltados ao desenvolvimento da linguagem.

Duas profissionais se prontificaram a serem entrevistadas, antes tiveram o conhecimento do objetivo da entrevista e tiveram acesso ao roteiro de pontos a serem apontados na entrevista. Após o consentimento iniciou-se a entrevista semi-diretiva ou semiestruturada, mas com características qualitativas, sempre buscando o máximo de conhecimento e experiências que estas profissionais pudessem repassar.

As profissionais trabalham desde a fundação da instituição, que aconteceu em 2007, ou seja, tem 09 anos que dedicam-se ao trabalho com alunos com deficiência intelectual. Durante estes 09 anos, sempre tiveram pelo menos uma criança autista. Apenas uma das professoras trabalhava com adolescentes autistas de até 14 anos, utilizando como trabalho metodológico o laboratório de informática, enquanto a outra abordava em sala de aula individualizada crianças de 5 a 10 anos, utilizava como metodologia de trabalho: trabalhos escolares apropriados, brinquedos e outros materiais pedagógicos.

A missão do Centro Integrado de Educação Especial é oferecer atendimento educacional especializado como condição para atender as exigências atuais do processo inclusivo, a produção de materiais acessíveis e a formação em exercício dos profissionais do Centro. (CIES-GOVERNO DO ESTADO PIAUÍ)

As professoras quando iniciaram seu discurso sobre suas estratégias metodológicas utilizadas, enfatizaram que o professor deve saber trabalhar com o aluno em suas necessidades especiais. Para isso, antes de começar qualquer abordagem com a criança, independente da deficiência, busca ajuda na família para saber quais os pontos que deve ser trabalhado mais com o aluno, o que é reforçador para cada criança, isto é, o que cada indivíduo gosta mais de assistir, falar e compartilhar com os pais.

Antes de eu iniciar o trabalho com meu aluno, eu chamo os pais e pergunto o que eles mais gostam de fazer, de falar, de assistir,..., este será o meu ponto de partida para começar estimular o aluno. Começo a usar o jogo do reforço com eles, se eles fizerem as atividades propostas ao final das aulas, nós brincamos com o que eles mais gostam de brincar (professora A)

Esta intervenção com a família é extremamente importante, a medida que o professor “convida” aos pais para participarem da educação dos filhos sendo corresponsáveis pelo desenvolvimento dos filhos.

Ao brincar a criança é estimulada em seu social, que é o principio do desenvolvimento da linguagem. Não existe linguagem ou comportamento verbal se a criança não deseja manter o contato com o outro e fica em seu mundo, mas se estimulada corretamente esta criança, mesmo com diagnostico do autismo, pode desenvolver muito bem sua linguagem social.

Segundo Green (2001) apud Goulart e Assis (2002) no enfoque analítico-comportamental, o autismo é uma síndrome de deficits e excessos que [pode ter] uma base neurológica, mas que está, todavia, sujeita a mudança, a partir de interações

construtivas, cuidadosamente organizadas com o ambiente físico e social. Se o autista recebe em seu ambiente familiar e escolar um repertório comportamental adequado e estimulador, ele irá interagir com este meio de forma que tudo estará propício para o desenvolvimento das habilidades sociais, a exemplo: a linguagem.

Já tive um aluno que ao entrar em minha sala pela primeira vez, se autodenominava “burro”, e eu brincando perguntei aonde estavam as orelhas e o rabo de burro, eu não achei!. Então, chamei os pais e pedi para que eles não diminuíssem seus filhos, e que a partir daquele momento comessem a estimulá-lo todos os dias com elogios e outros reforços possíveis. (professora A)

Tem pais que não colaboram com seu filho, ao invés de ajudar, atrapalha. Não sabem estimular a fala, colocar regras, diminuir as ecolalias acrescentando novas palavras ao vocabulário da criança. A criança aprende por imitação e a família não entende isso... (professora B)

As profissionais entrevistadas disseram que mesmo não conhecendo a psicologia profundamente, mas se identificam a abordagem behaviorista ou análise aplicada do comportamento, por ser uma abordagem que tem garantido muitos resultados positivos. As estratégias comportamentais mais aplicadas em sala de aula foram os reforços verbais por meio de elogios quando faz uma atividade, responde a pergunta da professora ou fala uma frase corretamente, uso de premiações ao final de uma atividade bem sucedida. A punição, ou seja, retirada de algo, é aplicada quando a criança se recusa a realizar as atividades propostas em sala de aula.

O trabalho pedagógico com os autistas deve ter o uso de rotinas, como o autista não consegue abstrair com facilidade, seu potencial imaginativo é baixo, os professores devem explicar antecipadamente a rotina da aula, para que o aluno possa acompanhar. Segundo as entrevistadas, os autistas conseguem seguir regras melhor se comparada a qualquer outra criança com deficiência intelectual.

Outro relato interessante exposto por uma das entrevistadas é que o trabalho com crianças autistas deve partir de um diagnóstico prévio das condições de saúde biopsicossocial. Toda criança está pronta para ser trabalhada, mas cada uma no seu tempo e na sua particularidade. Uma criança de 8 anos ao iniciar os trabalhos pedagógicos no CIES não tinha nem conhecimento de esquema corporal. Não se reconhecia no espelho. O primeiro passo da professora foi estimular este contato com o seu eu, fazer com que a criança se reconheça como pessoa, para somente inserir qualquer tipo de nova informação.

Como posso ensinar o alfabeto, as letras, as palavras a uma criança que não se reconhece no espelho? Pra ela tudo a sua volta não é estimulante. Nem seu nome faz sentido. Só após o reconhecimento do esquema corporal é que o aluno pode dar seus primeiros passos para a socialização, o que significa a aquisição da linguagem, do pensamento, demonstração de afeto... E foi o que aconteceu após três anos de trabalho com esta criança. (professora A)

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O cuidado que o professor tem ao realizar uma avaliação prévia da história familiar, buscando os reforçadores potenciais que serão utilizados em sala de aula, é a primeira estratégia metodológica que garantirá o sucesso de qualquer tipo de intervenção comportamental e que contribuirá para aumentar a confiança da criança no professor.

São os pequenos estímulos que quando utilizados como reforçadores aumentam a chance de aumentar o comportamento adequado (o aprendizado, a realização das atividades, aceitação de regras, desenvolvimento da linguagem, dentre outras) que quando utilizadas em momentos adequados são funcionais e podem facilitar o desenvolvimento.

Outra estratégia comportamental relatada pelas professoras e que tem efeito comprovado é uso da rotina. Na análise do comportamento, a rotina é essencial para qualquer inserção de comportamento adequado, juntamente com a apresentação de regras contribui para diminuir e até extinguir o comportamento inadequado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido aos sintomas do diagnóstico do TEA (Transtorno do Espectro Autista), o autista é excluído socialmente, até mesmo por sua família que tem medo ou vergonha de ter um filho com esta síndrome. O que tem contribuído para esta exclusão é que os autistas tem dificuldade para sair de seu mundo e desejar manter contato social. Por isso, ocorre a sua dificuldade em aprender, que não se justifica somente pelo prejuízo biológico, mas também pelo isolamento social.

Durante o desenvolvimento do presente trabalho, ao buscar estudar estratégias comportamentais que contribuíssem para o desenvolvimento da linguagem dos autistas, observou-se a importância de se analisar o repertório comportamental realizado nas residências dos autistas, e com base neste repertório buscar os reforçadores que podem contribuir para o aprendizado dos alunos autistas.

Quando se trabalha com o estudo prévio dos repertórios típicos de cada aluno autista e busca trabalhar as necessidades individuais apresentadas, tais como: problemas

biológicos ou neurológicos, problemas ocasionados por faltas de regras em casa, fica mais fácil montar uma estratégia bem planejada e individualizada para se trabalhar com cada criança.

Pode-se perceber também nestes estudos que as relações entre os diagnósticos com base em análise de características orgânicas (CID -10 e DSM V) não faz com que os professores não possam olhar além destas dificuldades sintomatológicas e identificar as possibilidades de atuação metodológica que tenham um efeito positivo no desenvolvimento da criança autista.

Nos casos em que as crianças com características autistas tiveram um desenvolvimento na linguagem devido à deficiência da estimulação ambiental familiar, deve-se ter um cuidado antes de apenas apontar a causa dos problemas para os pais, afinal eles também precisam de orientação. Ninguém escolhe ter um filho ou filha com deficiência intelectual, a grande maioria dos pais não são informados sobre o diagnóstico, e muito menos são disponibilizados informações apropriadas de como devem agir diante do filho ou filha autista. O fato de culturalmente entenderem que os autistas não conseguem aprenderem faz com que não estimulem seus filhos e não levam a especialistas, como a exemplo do CIES, que possuem profissionais especializados para um atendimento diferenciado e especializado as crianças e adolescentes autistas.

Este trabalho buscou focar nas estratégias comportamentais que contribuem com o desenvolvimento da linguagem de criança autista, e encontrou profissionais que abordam muito bem as técnicas da Análise do Comportamento, mesmo sem ter um conhecimento aprofundado da ciência, apenas com o uso de informações retiradas de livros e revistas. E foram identificadas importantes estratégias comportamentais, reforço positivo e negativo, punição e extinção, além do uso das regras e rotinas programadas e compartilhadas com cada aluno.

Com esta pesquisa de campo, teve um ganho para os profissionais tanto da área da educação quanto da psicologia, a troca de informações por meio de materiais como este trabalho, tem contribuído para a melhoria dos trabalhos educacionais com os autistas e até com outros alunos com diversas deficiências. Porém, esta informação ainda não chegou aos pais e a tantos outros profissionais de diversas áreas, o que ainda gera medo e preconceito em muitas pessoas. Por essa razão, torna-se necessária que novas pesquisas sejam realizadas e que outros profissionais também se preocupem e desenvolvam mais investigação sobre o tema deste trabalho e divulguem ao público em geral, principalmente aos pais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. G. de; CARVALHO, E. da S.; ROSA, M. V. dos S.; MELLO, T. O'R. **O Papel do Psicólogo como Mediador no Desenvolvimento de Habilidades Sociais com Crianças Autistas Clássicos.** Revista Presença Celso Lisboa. 2015. <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zzDzY6iaAuoJ:revistapresenca.celsolisboa.edu.br/index.php/numerohum/article/download/40/26+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

ALVES, M. M. C. , SOUZA, R. de C. S. & NEVES, C. G. B. **A Criança Autista no mundo chamado Escola.** 9 ° Encontro Internacional de Formação de Professores. 10º Fórum Permanente de Inovação Educacional. v.8,2015.

BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura.** Editora Artmed, Por Alegre,1999.

CAETANO, D. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID - 10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas** – Coord. Organiz. Mund. da Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CIES – GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ. **Centro Integrado de Educação Especial.** Disponível no site: <http://www.cies.pi.gov.br/institucional.php>. Acesso em:15 de fev.2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION- DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** Trad. Dornelles, C., 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

GÓMEZ, A. M. S. & TERÁN, N. E. **Transtornos de Aprendizagem e Autismo.** Editora Cultural S.A. 2014.

GOULART, P. & ASSIS, G. J. A. de. **Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos.** Universidade Federal do Pará. Revista brasileira terapia comportamental e cognitiva vol.4 no.2 São Paulo dez. 2002

LAGO, M. **Autismo na Escola: Ação e Reflexão do Professor.** Dissertação de mestrado em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica.** 9ª. ed. Porto Alegre. Artmed, 2007.

SILVA, L. S. da & COSTA, T. S. **Autismo na Escola.** 2010. disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2010/artigos/pedagogia/salao/642.pdf>. Acesso em 25 de jan. 2016.

VIVEIROS, M. A. J. de. **Desenvolvimento Lingüístico no Autismo.** CRDA - Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem-Turma – VII, São Paulo, 2008.